ESQUECIDO

© 2026 MARIA JOÃO VIANA | SILENT PEN ®
ESQUECIDO

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2026 (1.ª edição)
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



Ao meu irmão, que poderia muito bem ser o Miguel deste livro: pela elegância natural, pelo charme sem esforço, pela generosidade discreta e por aquela maneira de estar de quem sabe muito mais do que aquilo que conta. Quanto ao resto, prefiro não fazer perguntas.

À minha filha, Victória, que, apesar dos seus quase quatro anos, ainda não pode ler as histórias que escrevo, mas já sabe, melhor do que ninguém, como me desarmar com um sorriso. Um dia compreenderá que até os homens mais fortes têm alguém por quem fariam tudo.

Prólogo

O Álvaro meteu o cartão na fechadura e teve de o retirar para que a mão deixasse de tremer. Trazia a pasta apertada debaixo do braço; durante todo o trajecto desde o restaurante convencera-se de que precisava de jantar. Agora, diante da porta, a ideia de mastigar pareceu-lhe impossível.

Ao fundo do corredor, um empregado recolhia um tabuleiro. O Álvaro esperou que o homem endireitasse as costas, cumprimentou-o e tentou outra vez. A luz passou a verde.

Deixara os óculos de leitura em cima de um livro, junto à cama. O livro continuava no mesmo sítio; o estojo estava fechado sobre a almofada. Ficou com a porta aberta nas suas costas. Podia ter sido a empregada a preparar o quarto para a noite. Naquele hotel ainda se dobravam colchas e se deixavam chinelos paralelos, como se os hóspedes conservassem todos os hábitos dos mortos cujos retratos ocupavam o vestíbulo.

Abriu o estojo.

Uma fotografia dobrada ao meio cobria as lentes. Tirou-a sem tocar nos óculos, recuou até à porta, fechou-a e passou o fecho de segurança.

Na fotografia, um homem de camisa branca inclinava-se sobre uma mesa de cozinha. Tinha uma ligadura no polegar esquerdo. Ao lado do braço via-se um prato com qualquer coisa escura, talvez fruta. A imagem fora captada de cima, de um canto da divisão, e cortava-lhe os pés.

O Álvaro conhecia aquela ligadura. O homem estivera à sua frente durante vinte minutos, nessa tarde, escondendo a mão ferida sob a outra. Recusara um café, acabara por aceitar água. Antes de sair, pedira-lhe que não mandasse um carro buscá-lo a casa.

— Tenho filhos. Prefiro apanhar um táxi.

O Álvaro dissera que compreendia. Tinha até afastado o telefone da mesa, um gesto que lhe parecera suficiente para tornar a conversa menos arriscada.

Virou a fotografia. No verso estavam impressos uma rua, um número de porta e um andar. Por baixo, numa letra maior: "A reunião pode continuar amanhã."

Apoiou o papel na secretária. Na reunião dessa noite, falara-se da ARIADNE durante quase uma hora sem que ninguém aceitasse dizer de onde vinham certas imagens. Quando insistira, um dos homens empurrara o

prato para o lado e perguntara-lhe se preferia perder o negócio por uma questão de vocabulário.

Ele rira-se. Um riso breve, profissional, que agora lhe causava vergonha.

Pegou no telefone do hotel e marcou a recepção.

— Entrou alguém no meu quarto depois das sete?

Ouviu teclas e uma voz mais afastada a responder a outro hóspede. Teve de repetir o número do quarto.

— O serviço de abertura de cama costuma passar até às nove, senhor Sanz.

— Preciso de saber quem entrou. Pode verificar os acessos?

— Terá de ser com o responsável de serviço.

— Peça-lhe que venha ter comigo à recepção. Vou descer.

Pousou o auscultador sem esperar pela resposta. Eram dez e vinte e três. No telefone pessoal, a data aparecia sobre uma fotografia antiga que já quase não via: quarta-feira, 30 de Setembro. Procurou o número que o homem lhe ditara de tarde. Guardara-o sem nome, apenas com um ponto de interrogação. Demorou a encontrá-lo entre os contactos.

Podia descer primeiro. Entregar a fotografia ao responsável do hotel, pedir a polícia, fazer a chamada diante de alguém. O homem dissera-lhe que vivia sozinho durante a semana; os filhos ficavam com a mãe. O Álvaro voltou a examinar a cozinha, à procura de outra pessoa no espaço que a fotografia mostrava.

Carregou no número.

Enquanto esperava, abriu a pasta, tirou o passaporte e guardou-o no bolso interior do casaco. Deixou os papéis. À terceira chamada, o homem atendeu.

— Que se passa?

O Álvaro ouviu água a correr e o choque de louça pousada numa superfície dura.

— Está em casa?

— Estou. Recebeu o que lhe mandei?

— Recebi outra coisa. Há alguém consigo?

A água parou.

— Porque pergunta isso?

— Preciso que saia daí. Se conseguir fazê-lo sem se aproximar de ninguém, saia e vá a uma esquadra. Já.

O Álvaro encostou o telefone com mais força ao ouvido.

— Disse que isto ficava entre nós.

— Eu sei. Ouça, lamento. Tem outra saída?

Do outro lado houve um toque de campainha. O Álvaro ficou imóvel, com a mão ainda sobre o passaporte, no bolso.

— Espere — disse o homem.

— Deixe tocar. Afaste-se da porta.

A campainha soou outra vez. Ouviram-se passos e uma voz abafada, demasiado distante para que o Álvaro percebesse as palavras.

— Diz que vem do hotel.

— Ninguém saiu daqui por minha ordem. Está a ouvir-me?

O homem chamou por ele, numa voz subitamente mais baixa. O Álvaro respondeu duas vezes. Ao fundo da chamada, uma corrente arrastou-se contra a madeira e caiu; logo a seguir, alguém puxou o trinco.

1

O homem do mar

Cala Figuera, Maiorca (Caló d'en Busques e gelataria)

O Miguel entrou em Caló d'en Busques de pé ao leme, a camisa de linho aberta e a água a faiscar atrás da popa. Ao passar a curva do porto, ficou sem o vento que lhe secava o peito. Reduziu o motor. Um pescador largou a rede que estava a remendar e veio à borda do cais, com a mão estendida para o cabo. O Miguel lançou-lho e deu um toque de marcha à ré; o llaüt deslizou até as defensas roçarem na pedra.

— *Ya era hora, chaval.*

— *¿Me estabas esperando?*

— *Estaba esperando a que dejaras sitio. Hay gente que trabaja.*

O pescador apontou para a embarcação que avançava atrás dele. O Miguel levantou a mão ao homem da proa, recebeu um cumprimento de volta e desligou o motor. A água bateu duas vezes sob o casco. Aos cinquenta anos, aceitou o "chaval" com um aceno e agachou-se para abrir a caixa do peixe.

Tinha saído antes do sol. As primeiras capturas tinham vindo à linha, numa espera suficientemente longa para o fazer arrepender-se de levar pouco café. Depois vestira o fato e entrara na água. Ainda sentia nas costas o frio do mergulho, debaixo do linho húmido que vestira no regresso.

Tirou três sargos da caixa e passou-os para o saco que o pescador lhe estendia. O maior dobrou-se sobre os outros dois, deixando uma escama na mão do Miguel.

— *Este te lo has encontrado muerto.*

— *Estaba dormido. Me costó despertarlo.*

O homem levantou o saco para apreciar o tamanho do peixe.

— *Te puedes quedar con uno.*

— *Tengo comida en casa. Llévatelos.*

— *Pues mañana tráeme vino.*

O Miguel riu-se e limpou a mão à toalha. Entregou-lhe o saco comprido onde transportava a espingarda de caça submarina, descarregada, com a haste presa à parte.

— *¿Me la llevas a reparar cuando vayas a Santanyí?*

— *El sábado. Hoy tengo trabajo.*

— *El sábado está bien.*

O pescador espreitou para dentro do saco, fechou-o e juntou-o ao peixe. Quando o Miguel passou para o cais, deu-lhe a mão sem interromper o que dizia sobre a oficina, que agora fechava à hora do almoço e abria quando lhe apetecia. O Miguel ficou a ouvi-lo, de calções e chinelos, enquanto o balanço do barco se prolongava nas pernas. Recuou para o homem poder passar com os sacos.

A Marina apareceu no alto dos degraus com o avental dobrado sobre um braço. O Miguel tinha-lhe pedido que descesse para tomarem um café; ela aceitara dez minutos e trouxera a expressão de quem começara a contá-los antes de sair.

— Estás com bom aspecto. Isso irrita-me.

— Ainda podemos ir dar uma volta.

— Agora? Tenho uma gelataria aberta.

Ele ofereceu-lhe a mão no último degrau. A Marina apoiou-se nele e chegou ao cais a sacudir uma pedrinha da sandália.

— Está tudo bem lá em cima?

— Já está. A fechadura da casa de banho prendeu-se com um cliente lá dentro.

— O homem ficou bem?

— Ficou. Uma das raparigas chamou o serralheiro e a outra foi-lhe passando água pela janela. Ele estava mais preocupado com a mulher, que tinha ido ver lojas e levava o telefone na mala.

— Ainda lá está?

— O homem? Saiu há uma hora, Miguel. Temos uma fechadura nova. Mandei pôr uma que se abre por fora, se voltar a acontecer.

— Fizeste bem.

A Marina voltou a calçar a sandália e indicou-lhe o caminho com o avental.

— Vamos. Preciso daquele café.

O pescador levava os três peixes para a sombra do escar. Antes de seguir a Marina, o Miguel deteve-se junto à amarra para afastar o casco da aresta do degrau. Do outro lado do cais, um homem de pólo cinzento mantinha um telefone levantado na horizontal. O Miguel baixou-se para soltar uma volta do cabo; o homem baixou o aparelho. Quando se endireitou, o telefone tornou a subir, acompanhando-o.

— Deixaste alguma coisa?

A Marina já ia nos degraus.

— Está tudo.

Seguiu-a pela passagem estreita junto à água. Encostaram-se para deixar passar um carrinho carregado de material de pesca. A Marina cumprimentou o homem que o empurrava e começaram a subir a rua.

— Também precisas de arranjar esses chinelos.

O Miguel levantou um pé. A tira estava inteira.

— O que é que têm?

— Ouvem-se de lá de baixo.

Ele tentou dar dois passos sem os fazer bater no calcanhar. A Marina continuou a andar até ele desistir. Ao dobrarem a esquina, ela tocou-lhe no braço para o fazer parar: uma carrinha recuava para descarregar à porta de um restaurante. Esperaram encostados à parede, lado a lado, com o sol a aquecer-lhes os joelhos.

O calor mantinha-se naquele primeiro dia de Outubro. À entrada da gelataria, uma criança deixara uma marca de chocolate no vidro, à altura do rosto; lá dentro, duas empregadas atendiam uma família indecisa. A Marina levantou a mão para lhes dizer que estava de volta e apontou ao Miguel uma mesa na esplanada.

— Senta-te. Eu levo.

Ele escolheu a sombra junto à parede. Gostava de se sentar ali quando regressava do mar, ainda com sal nos pulsos, e ouvir as escolhas dos clientes: o pai que pedia limão para acabar a comer o chocolate do filho, a mulher que provava três sabores e ficava com o de sempre. Na mesa ao lado, uma cliente segurava a página de um livro com o antebraço e tentava arrastar a cadeira para fora do sol.

— Posso?

O Miguel agarrou na cadeira pelo espaldar. A mulher levantou-se e deixou que ele a puxasse para a sombra.

— Obrigada. Estava a tentar salvar o gelado sem abandonar o livro.

Havia uma gota de gelado no pulso dela. Limpou-a com o guardanapo e levantou o rosto. Era muito bonita, de cabelo curto e vestido azul, com uma pequena cicatriz junto ao lábio que se vincava quando sorria. O Miguel afastou a cadeira o suficiente para ela se sentar.

— Assim fica bem?

— Fica. Também precisa de sombra?

Ela tirou o casaco leve que ocupava a segunda cadeira.

— Obrigado. Estou bem nesta.

O Miguel sentou-se à mesa ao lado. A mulher conservou o casaco no colo e demorou os olhos na camisa aberta.

— Acabou de sair da água?

— Há pouco.

— Continua boa?

— Quando se está lá dentro, sim. Ao sair já apetece uma toalha.

Ela aproximou o livro do rebordo da mesa para o livrar de uma mancha de água.

— Trouxe fato de banho todos os dias. Ainda nem o molhei.

— Há dias assim.

— Os meus começam todos com uma coisa rápida para fazer. Hoje decidi vir comer um gelado antes que me telefonassem.

Pousou a colher sobre o copo, pegou no telefone que tinha ao lado do livro e carregou numa tecla antes de o guardar no saco.

O Miguel encostou-se à cadeira. Sentia a camisa a secar-lhe nas costas e uma fome crescente, que o café iria adiar pouco. Pela porta aberta chegava a voz de uma empregada a explicar que a bola pequena e a bola grande tinham o mesmo sabor. A criança queria ver as duas.

A Marina trouxe as chávenas e um copo de água. Ao ver o casaco no colo da cliente, deu a volta à mesa para pousar o tabuleiro.

— Estás bem instalado.

— Guardei-te o lugar.

Ela sentou-se diante dele e bebeu água antes de tocar no café.

— Sempre soubeste escolher uma mesa.

A cliente voltou-se para a Marina.

— O gelado de amêndoa é uma maravilha.

— Ainda bem. Vou dizer a quem o fez.

— Pensei que fosse ele.

O Miguel procurava a colher debaixo do pires.

— Ele vem verificar se o café continua bom — disse a Marina.

— Uma responsabilidade.

O Miguel encontrou a colher.

— Tento vir todos os dias.

A mulher riu-se. Ficou a vê-lo beber, com a mão esquecida no livro, e o Miguel sentiu vontade de abotoar a camisa. Fechou o botão à altura do estômago.

Um casal chegava à porta da loja e cumprimentava a Marina. Ela respondeu-lhes, acabou o café e meteu a chávena no tabuleiro.

— Os dez minutos? — disse o Miguel.

— Foram doze. Ficas a dever-me dois.

O Miguel viu-a entrar e deter-se junto da família, que continuava a escolher. A cliente da mesa ao lado acompanhou-lhe o movimento.

— Trabalham juntos?

— A Marina gere isto.

— Ah.

Ela olhou de novo para a camisa amarrotada e para os braços dele, apoiados na mesa.

— Eu pensava que andava só a passear.

— Hoje ando.

A mulher sorriu e fechou o livro, deixando um dedo entre as páginas.

— Mora aqui?

— Perto.

— Deve ser difícil sair daqui no fim das férias.

O Miguel lembrou-se do llaüt a avançar devagar para a entrada do porto, do momento em que desligava o motor e conseguia ouvir quem lhe falava do cais. Ainda agora teria voltado àquela curva de água.

— Deve, sim.

A mulher comeu o resto do gelado e ficou a raspar o fundo do copo, seguindo com os olhos uma família que passava carregada de sacos de praia.

— Vou à água. Já chega de pensar nisso.

Procurou a carteira. O Miguel afastou a sua cadeira para lhe deixar espaço e a cliente deteve-se com a mão no espaldar.

— Costuma estar aqui a esta hora?

— Depende do peixe.

Ela riu-se, agora de pé, e entrou para pagar. O Miguel acabou a água. Pela porta, viu-a recusar o saco que uma empregada lhe oferecia e meter o livro debaixo do braço. Ao sair, despediu-se dele com a mão e seguiu na direcção oposta à do porto.

O Miguel pegou na chávena. O café tinha arrefecido. Ia bebê-lo assim mesmo quando o homem do pólo cinzento apareceu à entrada da esplanada. Passou pelas mesas livres junto ao passeio e escolheu a que ficava ao lado da porta, de frente para o Miguel. Desta vez, guardou o telefone antes de se sentar.

2

O homem do banco

Cala Figuera; carreiro perto da finca

O Miguel reconheceu-o quando ele se inclinou para apanhar um papel do chão. Era o do pólo cinzento. Nessa manhã vestia azul e tinha um saco de padaria junto aos sapatos. Alisou o papel sobre a coxa, dobrou-o e meteu-o no bolso.

Faltava pouco para as dez. O Miguel descera a Caló d'en Busques sem intenção de sair para o mar; queria caminhar até onde as construções acabavam e regressar pela rua de cima. O banco escolhido pelo desconhecido ficava a meio desse percurso, num alargamento onde os visitantes paravam para fotografar. Um grupo com mochilas obrigava quem passava a chegar-se ao muro.

Ouviu o roçar intermitente de um travão e encostou-se à esquerda. A campainha da bicicleta tocou quando ele já estava junto ao muro. O rapaz passou tão perto que o pedal lhe roçou nas calças.

— *Perdón.*

O Miguel fez um sinal com a mão. O ciclista seguiu a oscilar nas lajes irregulares e obrigou o grupo a dispersar-se.

O desconhecido acompanhou a bicicleta até ela desaparecer. Quando o Miguel passou junto do banco, dirigiu-se-lhe em espanhol.

— *¿Se puede seguir por ahí?*

Indicava o troço junto à água. A unha do polegar esquerdo estava escurecida.

— *A pie, sí. Después hay unas escaleras para subir a la calle.*

— *Siempre acabo en unas escaleras.*

Esfregou o joelho direito através do tecido. O Miguel mostrou-lhe o trajecto menos inclinado, pelo lado de onde viera, que exigia recuar até ao cruzamento.

— *Por allí tiene una cuesta. Es más largo.*

— *Gracias.*

O homem continuou voltado para ele. O Miguel esperou um pouco, julgando que ia perguntar-lhe mais alguma coisa. Acabou por se despedir com um aceno e seguiu junto à água.

No extremo do percurso, duas pessoas tentavam decidir de que lado devia ficar quem tirava a fotografia. Ambas queriam a água nas costas e ambas se queixavam do sol na cara. O Miguel esperou que se entendessem para atravessar o enquadramento. Uma delas agradeceu-lhe com excessivo entusiasmo, como se tivesse acabado de lhes oferecer a manhã.

Embaraçava-o conservar tão nítida a recordação do desconhecido. Lembrava-se da posição do telefone na véspera, da mesa escolhida, do cuidado com que guardara o aparelho. Nem sequer saberia dizer quanto pagara pelo que consumira. Talvez o homem também se recordasse dele; tinham estado perto o bastante para ouvir o que cada um pedira.

A meio do trajecto de regresso, ouviu-o falar espanhol com dois visitantes que procuravam o acesso à rua. Indicava-lhes o cruzamento com o mesmo gesto que o Miguel acabara de fazer. Um agradeceu e o outro continuou a consultar o mapa.

O Miguel passou sem intervir. Teve a impressão de que o homem o acompanhava com os olhos e conservou-a durante alguns metros, até se desviar de uma poça de água de lavagem. Ao chegar à rampa, voltou-se. O saco de padaria estava vazio. O seu dono sacudia as migalhas sobre o empedrado.

A Marina tinha uma tesoura na mão quando o viu entrar na gelataria.

— A partir de segunda, fechamos um dia por semana.

Acabava de cortar um aviso para o ajustar à moldura. O Miguel leu as horas dos outros dias, escritas em algarismos grandes, com um risco grosso sob a segunda-feira.

— Pensava que conseguíamos manter o horário até ao fim do mês.

— Também eu. Tenho férias por dar e uma pessoa a sair no domingo. Já te tinha dito que ela ia estudar.

Ele recordava uma referência a um curso, numa conversa sobre o fim do Verão. Julgara que se conciliava com umas horas de trabalho.

— Podemos contratar alguém para essas semanas. Aumentamos o que estamos a oferecer.

— Já aumentei. A pessoa com quem falei em Santanyí quer cinco dias seguidos, de manhã.

— Assim libertas uma das outras para a tarde.

— Essa é a que vai de férias.

Um grupo entrou enquanto ela falava. O Miguel afastou-se do expositor para o deixar passar. Ouviu pedidos sobrepostos e a rapariga a pedir que lhe dissessem um de cada vez. A Marina foi ajudá-la a receber o pagamento.

O aviso parecia-lhe prematuro. Na rua passavam pessoas de sandálias, com os ombros descobertos, e o sol obrigava quem esperava a proteger a testa. Custava-lhe admitir que, numa manhã assim, alguém viesse até ali e encontrasse tudo fechado.

A Marina regressou à moldura.

— Já dei voltas a isto. Vou fazer as manhãs que faltam. Se ficarmos abertos todos os dias, também faço as tardes. Ao fim de duas semanas começo a enganar-me nas compras, chateio-me com elas por coisas parvas e tenho de pedir desculpa. Prefiro fechar à segunda.

O Miguel estava habituado a deixá-la decidir e a encontrar tudo a funcionar quando aparecia. Até ali, a contratação parecera-lhe uma questão de pagar melhor.

— Gosto de vir aqui e saber que está aberto — disse.

A Marina deteve-se com a tesoura a meio do percurso para a gaveta.

— Pois eu gosto de ter um dia livre. Podemos continuar amigos.

Ele sorriu e cedeu-lhe o sítio junto ao expositor. A rapariga que terminava o contrato aproximou-se com uma pasta transparente apertada contra o avental. Queria confirmar a hora de saída no domingo; precisava de apanhar um autocarro.

— Está combinado — disse a Marina. — Avisa a tua colega quando ela chegar.

O Miguel desejou-lhe sorte com o curso. Ela agradeceu, explicando que estava mais preocupada com o quarto que arranjara. Nas fotografias parecia-lhe impossível caber lá uma secretária.

— Leva uma fita métrica — disse a Marina. — As fotografias fazem milagres.

A rapariga soltou uma gargalhada e regressou ao atendimento. Deixou a pasta numa prateleira, cuidadosamente afastada de tudo o que pudesse molhá-la.

— Vais dizer-me que pagamos uma secretária? — disse a Marina.

— Estava a pensar que já me tinha esquecido da falta de espaço nos quartos alugados.

— Ela vai ficar bem. Está cheia de medo e farta de cá estar.

A rapariga ergueu um talão para o mostrar à Marina. O Miguel queria prolongar a visita. Afastou-se da passagem.

— Se a pessoa de Santanyí aceitar menos dias, contrata-a. Mesmo fechando à segunda.

— Falo com ela hoje.

A Marina levou o aviso para o suporte exterior. Ele segurou a moldura enquanto ela apertava a fixação e recuou até ao outro lado da rua para

confirmar que se lia. Quando voltou a atravessar, a Marina já estava lá dentro a atender a rapariga.

O Miguel tomou a rua que saía da povoação. No cruzamento reconheceu a rampa que indicara ao homem do banco. Um automóvel aguardava que terminassem uma entrega para conseguir passar. Continuou pelo passeio até ao começo do carreiro.

Dez minutos a pé separavam a povoação da casa. A terra batida subia junto a um muro de pedra seca, com alguns troços tão estreitos que as ervas lhe roçavam nos sapatos. Depois da primeira curva deixou de ouvir a entrega e o protesto breve de uma buzina.

Uma picada no tornozelo fê-lo parar. Apoiou o pé num ressalto do muro, desatou o sapato e retirou da meia uma agulha de pinheiro.

Dali via uma ponta do telhado da finca por uma falha dos pinheiros; da povoação nem aquilo se via. Uma das portadas mexia-se ao vento, interrompendo a faixa clara da janela.

O Miguel sacudiu a agulha dos dedos, apertou o atacador e continuou pelo carreiro.

3

O último telefonema

Madrid; Milão (chamada)

A Helena riscou o espaço destinado à sua assinatura e escreveu na margem: "Preciso de ler o relatório." A caneta rasgou a fibra no fim da frase.

Naquele sábado, 3 de Outubro, o escritório da ARIADNE estava quase deserto. Do gabinete ouvia o aspirador da limpeza, com pancadas ocasionais nos rodapés. Tinha ido ali porque o Álvaro lhe pedira que resolvesse uma aprovação pendente. Contava despachá-la sem ter de lhe ligar para Milão.

O relatório continuava inacessível. A autorização que solicitara também dependia dele. Restava-lhe uma ficha de avaliação por preencher, com os campos habituais e uma rubrica, "Nomes anteriores", que ocupava quase toda a largura da página.

Marcou o número do Álvaro. Ele atendeu quando ela procurava o correio em que lhe tinham solicitado o parecer.

— Estás no escritório?

— Estou a tentar fazer o que me pediste. Preciso que me deixes consultar o relatório.

— Deixa isso, Helena.

Ela interrompeu a pesquisa. O Álvaro falava depressa; ouviu-o inspirar pelo nariz, junto do microfone.

— Mandaste-me vir aqui.

— Eu sei. Desculpa. Fica pendente.

A indicação de urgência vinha logo a seguir ao nome dela. Tinha prescindido do almoço com uma amiga para se deslocar à empresa, depois de dizer a si mesma que era preferível resolver o assunto a deixá-lo estragar-lhe o domingo.

— O pedido diz que a entrega está à espera do meu parecer. Se queres suspendê-la, escreve-lhes isso.

— Vou tratar disso.

— Trata. Tenho uma folha para assinar e nenhum acesso ao que me pedem que aprove.

— Já assinaste?

— Acabei de te dizer que nem sequer consegui ler.

— Certo. Desculpa.

O aspirador embateu no batente do gabinete. A Helena indicou à funcionária que podia prosseguir; esta recolheu o cabo que se enrolara numa roda e foi limpar a divisão seguinte. Quando o zumbido se afastou, a Helena retomou a chamada.

— Foste tu que autorizaste este pedido?

— Passaram-no por mim. Há uma diferença.

— Daqui só vejo o teu nome.

O Álvaro disse qualquer coisa que ela perdeu. Por trás da voz dele chegavam ruídos de trânsito, cortados de cada vez que falava.

— Repete.

— Disse que te devia ter ligado ontem. Quero que isso fique parado. Sem parecer, sem entrega.

A Helena tinha começado a chamada preparada para discutir o prazo e a falta de elementos. O Álvaro costumava querer saber quanto tempo lhe estava a pedir e se havia maneira de o encurtar. Agora aceitava-lhe a recusa com uma facilidade que a desorientava.

— Então deixo registado que a avaliação ficou por fazer. Também quero a minha autorização resolvida. Se vou ter de voltar a isto na segunda, prefiro ter o que ler.

— Hoje fica como está.

— Consigo compreender uma razão, Álvaro.

Ele tossiu. A Helena ouviu uma frase em italiano, demasiado distante para a entender, e a voz dele, afastada do microfone, a pedir um instante. Quando retomou, falava num tom baixo.

— Prometeram uma entrega em nosso nome. Estou a tentar suspendê-la.

— Quem prometeu?

— Deixa-me resolver isto aqui.

A Helena foi até à janela. Na rua, um estafeta procurava o número de um prédio sem sair da mota. Ela afastou-se do sol que lhe incidia na cara.

— Se essa entrega chegar a ser feita, vão mostrar o meu parecer a quem reclamar. Ou vão dizer que me deram a oportunidade de o emitir. Preciso de saber onde estou metida.

— Fica escrito que te faltam elementos. Eu confirmo.

— Estás a ajudar-me a recusar um pedido teu.

— Estou.

O assentimento dele soara-lhe a alívio. Talvez lhe estivesse a dar uma desculpa conveniente, com o nome dela no processo.

— Falas comigo como se eu tivesse perdido metade da conversa.

— Também me falta uma parte.

— Pois. Devias ter começado por aí.

O Álvaro soltou uma expiração curta, quase um riso.

— Ia poupar-te a chatice.

— Já estou no escritório.

— Eu pago o sábado.

— Dá-me acesso. Fica mais barato.

Ele chegou a começar uma frase. Ouviu-lhe um "eu" e a respiração. A Helena regressou à secretária. No correio continuavam apenas a mensagem inicial, os anexos e a insistência no prazo.

— Tenho de falar com um contacto de investimento asiático — disse ele. — Preciso de perceber até onde isto foi discutido.

— Esse contacto quer investir na empresa ou neste trabalho?

— Quando regressar a Madrid, sentamo-nos e falamos. Pode ser em tua casa, se preferires. Assim evito que me ponhas na rua.

Ela conhecia aquela ligeireza com que ele procurava fazê-la sorrir para mudar de assunto. Desta vez ouvira uma hesitação no convite, como se só a meio tivesse reparado em que casa estava a propor entrar.

— Podes responder-me aqui.

— Por favor, Helena. Tenho de tratar disto eu.

Ela deixou-o respirar sem intervir. Queria perguntar-lhe com quem se tinha comprometido e em que condições. A recusa dele tornava o contacto interessante, talvez em excesso. Um investimento que corresse mal bastava para o deixar evasivo; também podia haver motivos pessoais, que ela preferia que ele mantivesse fora do seu sábado.

— Esse pedido vai regressar a quem o enviou — disse ela. — Com a indicação de que recuso aprovar um relatório que não me deixam ler.

— Faz isso.

— Devias voltar a Madrid.

— É o que estou a tentar fazer.

A voz dele falhou no fim. A Helena verificou a rede no ecrã, receando ter ouvido mal. O Álvaro chamou-a pelo nome.

— Estou aqui.

— Ouve. Se insistirem contigo, se eu não conseguir resolver isto, fala com o Miguel.

Ela baixou os olhos para o impresso riscado.

— O Miguel deixou a gestão.

— Continua a ser meu sócio.

— Então fala tu com ele.

— Vou falar. Estou a pedir-te que, se for necessário, o procures pessoalmente.

O Álvaro tinha o número do Miguel, conhecia-o havia muitos anos, conhecia-o em aspectos que ela nunca conseguira alcançar. Tinham passado seis anos desde o divórcio. Custava-lhe aceitar que continuassem a incluí-la nas coisas que um dos dois precisava de dizer ao outro.

— Sabes que nos divorciámos.

— Sei.

— Deves lembrar-te de como acabou.

— Helena, estou a pedir-te um favor. Se as pessoas que estão à espera desse parecer te pressionarem, vai falar com ele. Pede-lhe que vá ter contigo, se preferires. Tem de ser pessoalmente.

Ela roçou a unha no rasgão que fizera com a caneta. Queria perguntar porquê, embora receasse ouvir uma consideração sobre o feitio do ex-marido. Seria próprio do Álvaro aproveitar uma dificuldade profissional para tentar aproximá-los. Ele repetira o pedido sem sequer uma piada.

— O que é que lhe digo?

— Que precisas de falar comigo e eu não estou a conseguir explicar-me.

— Também podias fazer um esforço comigo.

— Tens razão.

A Helena esperou que continuasse. Ao fundo da ligação ouviu uma buzina prolongada e alguém a chamar noutra língua. Conseguia ouvir cada inspiração do Álvaro.

— Precisas que eu faça alguma coisa aí? Posso ir buscar-te ao aeroporto.

— Agradeço. Para já, preciso que devolvas o pedido.

Detestou ter-lhe oferecido uma boleia quando ele lhe recusava uma explicação, e detestou também a ideia de retirar a oferta. Queria que ele deixasse de falar tão rente ao microfone.

— Estás bem, Álvaro?

— Estou na rua. Preciso de me despachar.

— Podes ligar-me do hotel.

— Posso. Ouve, lamento ter-te estragado o almoço.

Ela viu a mala no chão, onde a largara ao chegar.

— O almoço resolve-se. Liga-me quando puderes falar.

— Está bem.

Ele despediu-se pelo nome, já com a voz afastada, e desligou. A Helena conservou o telemóvel na mão até o ecrã se apagar. Ocorreu-lhe que não lhe falara do almoço. Talvez ele se tivesse limitado a olhar para o relógio.